

Como se argumenta contra nós

Antes mesmo de sair o primeiro número da "A Luta de Classe", a direção do Partido, sentindo-se insegura no seu posto, dada a facilidade de sua política, tornou-se toda de recelos — tal é qual o Sr. Washington Luis à ideia de um possível sublevamento dos quartéis, e desandou a insultar a oposição bolchevista-leninista, elungando-a de tudo quanto é nome feio que se possa imaginar. O menos que nos foi dito é que somos o "excremento", isto é, a merda do Partido...

E' claro que os pequenos burgueses da direção, ignorando por completo o que seja o marxismo, não saberiam juntar opiniões um argumento sério.

Não demos a menor resposta aos nossos impagáveis insultadores. Já deixamos de usar frádulas há muitos anos e não podíamos retrair-nos que nos diziam "Vocês são excrementos". — "Excrementos são vóres!"

Deixámos passar é continuamente a luta. Publicamos o n.º 1, o n.º 2, agora o n.º 3, e amanhã o n.º 4 do nosso jornal. Elles calaram-se, sem plar nem morder, vendo que a coisa é séria, que discutimos e criticamos tão somente à luz do marxismo-leninista.

Entretanto, na sombra, por meio de uma súria e lenil campanha verbal, procuram convencer a massa do Partido de que estamos fazendo "obra policial".

Porém "obra policial"? Não sabem dizer, mos não lhes respondemos.

Fazemos, sim, uma obra de política revolucionária, porque fiscalizamos e denunciamos às massas todos os erros da burocracia dirigente; porque seguramos pela guia os que tentam deformar os ensinamentos de Marx e de Lenin, porque não permitimos, como falsos intérpretes desses ensinamentos, que se cometam erros políticos em seu nome; porque indicamos à classe operária o verdadeiro caminho da organização para a luta contra a classe capitalista;

porque policiamos revolucionariamente todos os elementos do Partido, criticando-os sem no nem piedade sempre que se oppuserem à realidade marxista; porque, finalmente, protestamos contra a obra policial de facto da burocracia, que consciente ou inconscientemente, não importa a intensidade, dá pasto ao ralo à sanha dos sacriários da burguesia, enqua-

to a massa, impotente, continua no mal de deplorar, estando de desorganização, e aos militantes do Partido, que tão inestimáveis serviços poderiam prestar em outras circunstâncias, vivem a debater-se no mais completo descalabro ideológico.

Continuem os burocratas da direção a fabricar contra nós o que quiserem. Com o tempo, os operários irão vendo o que elas valem.

Quanto a nós, continuaremos sempre onde nos colocarmos dentro do Partido — enquanto for possível, fôr d'ele — quando nos expulsarem, mas ao lado, até o fundo, da integridade dos principios e na defesa dos interesses revolucionários da classe operária!

CENTRO COSMOPOLITA

Já é do domínio público, o inquérito que a diretoria actual, mandatária da Quarta Delegacia Auxiliar, abriu à corporação dos guardas e cozinheiros, um dos mais conscientes organismos do proletariado do Brasil.

A destruição do organismo foi planejada pela Quarta Delegacia Auxiliar, que encontrou no seio da corporação, elementos corrompidos que se puseram às suas ordens para tão infame tarefa.

A pretensa de reprimir a propaganda comunista, perseguir a política política todos os elementos capazes do Centro, deportou os associados estrangeiros que demons travam dedicar-se integralmente à organização sindical e auxiliada de elementos safadíssimos e intrigantes, conseguiram por sua direção os elementos actuais, seus assessores.

Mas, pouco a pouco, os associados que concorreram inconscientemente para o trabalho policial, viram o erro cometido e resolvem expurgar do seu seio aqueles elementos.

A polícia política entrou então novamente em cena.

Convocada uma assembleia para

A Luta de Classe

ÓRGÃO DO GRUPO COMMUNISTA LENINE

NUM. 3

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1930

ANNO I

O ouro de Moscou

A ideologia "kuomintanguista" e as ligações anti-imperialistas

Os jornais da burguesia costumam dizer, em sua campanha contra o comunismo, que a propaganda do P. C. é sustentada pelo "ouro de Moscou". Para demonstrar que se servem os escriptos da grande imprensa para acirrar os militares patrióticos dos países: pequenos-burgueses, o todo argumento já teria de ser muito calado por terra se soubermos que Moscou lhe paga pelas mercadorias exportadas?

Constituirá veracidade o vêremos dinheiro dos nossos camaradas russos com de intensificarmos a luta pela libertação das massas oprimidas?

Mas não é assim: "A Classe Operária" chega a fazer uma afirmação reacionária, quando diz que a burguesia vive a engordar como o "ouro de Moscou", à custa dos "esplendidos negócios" que Moscou lhe proporciona. Se não fosse esse o intuito do articulista, como sinceramente acreditamos que a coisa fosse dita por uma outra forma. Poderá dizer-se, por exemplo: "O horror da imprensa burguesa pelo 'ouro de Moscou' é falso."

Ela o sabe, só bom ou talvez melhor do que os países capitalistas, tanto assim que o recebe de muito bom grado, como pagas das mercadorias exportadas para os Soviés". Cois o se vê, a distância que vai de uma a outra coisa é enorme.

Da mesma forma que os apelidos que mais d'presso pegam são os que provocam a irritação dos que os recebem, assim também a grande imprensa continuará a empregar os mesmos argumentos, enquanto verificar que, em lugar de terem uma oposição adequada, os possuem, p. ex., o contrário, os de ferir os nervos dos pequenos-burgueses que se encontram diante.

burguesia receber o "ouro" que Moscou lhe paga pelas mercadorias exportadas? Organização de massa politicamente sem partido" e pretende ser quem coordena, organiza e dirige a luta dos povos oprimidos contra o imperialismo internacional". Isto é a mais completa negação do marxismo revolucionário do proletariado, isto é, do Partido Comunista na luta contra o imperialismo e na revolução mundial. Com isto fica abolida a função histórica da I.C. como único guia do proletariado internacional na revolução colonial ou proletaria. E esta revogação se torna evidente e indiscutível até aos mais desprevenidos quando se lê estas linhas: "Só uma forte organização anti-imperialista em todas as colônias, semi-colônias e nas metrópoles, capaz de unir sobre a base de um programa claro, a todos os anti-imperialistas do mundo, (...) sem distinção de credos políticos ou sindicais, poderá ser garantia de vitória para os povos oprimidos em luta contra seus opressores."

Garantimos que esta declaração só poderia ter sido publicada em órgão oficial de um Partido Comunista, trazendo a assinatura de um deputado filiado à I.C., fôr da Europa, nas vagas e longínquas regiões vizinhas ao Equador, que a burocracia de I.C. não se dedica ao trabalho de conhecer de porto nem com ella faz cerimônias quando entende que pode violar impunemente os princípios mais comuns do bolchevismo. O Sr. Willi Munzenberg, que aos seus militares afirma: "Nós lutamos para que ora comentarmos "como or-

(Continua na 2. página)

MEMORIAL RO 3.º CONGRESSO

O primeiro grupo de oposição surgido em nosso partido, enviou ao 3.º Congresso um memorial, cujo conteúdo é desconhecido pelos organismos de base. No momento em que todas as acusações então firmadas e todos os desvios apontados, explodem escandalosamente no nosso partido e na própria I. C. "A luta de classe", julgo-o oportunamente, sem comentários, para que o partido faça o seu julgamento.

Então, se recebesssemos "ouro de Moscou", isso seria um defeito? Por outro lado, seria um defeito que

resolve apoiar os candidatos do Partido Comunista.

Em Pernambuco, o B.O.C. delibera, com a aprovação ou indiferença da C.C.E., o apoio a um candidato avulso que se apresenta às eleições de motivo-próprio. Membros do núcleo do partido no sindicato dos chauffeurs promovem manifestações de apoio ao ministro da justiça porque este fizera à corporação uma concessão temporária. Como agir a direção do partido neste caso?

A campanha pró I. C. de férias que visava demonstrar o seu caráter de manobra política da burguesia e desmascarar a fiação de Estado acima das classes, transformou-se no mais estreito colaboracionismo com o Conselho Nacional do Trabalho, na mystificação do proletariado, depois das acontecimentos da U.T.G., resultantes de uma provocação policial.

Era impossível permanecer nessa situação. A ausência das mais rudimentares noções do marxismo na grande maioria do partido, a intervenção indevida de membros da C.C.E. nas discussões das células, absorção de todos os recursos do partido, mesmo os patrimônios, pela C.C.E., a carença de toda a sorte de recursos nos organismos de base e intermediação, o funcionamento irregular das células, a desorganização consequente ao fechamento do jornal e à lei sclerada, a dificuldade de comunicar-se com as outras regiões, tornavam inexistente a formação de opinião no seio do partido e sua manifestação por meio das instâncias regulares.

O único meio que podia movimentar e agitar a massa amorfia e inativa do partido, fazendo-lhe tomar novo curso, era fazer convergir a sua atuação para a atividade exercida pelo organismo central.

Por isto, aproveitando o incidente com o encarregado sindical, excluímos, a convocação de uma conferência.

A C.C.E. fez-se de desentendida. Não queria a conferência e aproveitou a occasião para cair

sobre os signatários da carta, excommunicando-os sem parcimônia. A nossa carta à C.C.E. concebia-se em termos que se não propunham a angariar assinaturas facetas e numerosas, mas taxada de demagogia. Não foi respondida aos signatários, mas, em compensação, a C.C.E. trancou por que alguns signatários menos seguros em suas atitudes, retrasmessaram suas assinaturas, corriam declarações de arrependimento. A resposta é nessa carta, dirigida aos demais membros do partido, velo pelo numero um de "Antocritica" em que se fazia a peor das denúncias contra os signatários.

A C.C.E., como possesse, cacha sobre, tentando mostrar-nos aos demais membros do partido como inassimiláveis bicharais falidos, exploradores da bôa-fé de compatriotas, etc. Era franca a decisão de preparar a nossa degola, dada. Os companheiros da parte não signatários da carta tinham recomendações terminantes de não os vender o numero um da "Antocritica".

Compreendemos a situação e agimos em consequência. Tinha-nos exigido o que era do nosso direito: uma conferência prevista pelos estatutos, exigiu-nos de uma C.C.E., já reduzida à metade da que tinha sido escolhida pelo segundo Congresso. Uma Conferência em que defendemos os nossos pontos de vista e em que o partido se xeralasse proveitadamente para o seu terceiro Congresso.

O curso do partido, a recusa da conferência, a impossibilidade de discutir livremente, as manobras da C.C.E., preparamo-nos de gola forçaram os dissidentes ao abandonando do partido, a setor.

Não recusamos a pecha de indisciplinados e sécissistas. Consideramos que em que a indisciplina e a sécisão são um dever.

Seria porém, os dissidentes os únicos desencapados? O conceito de disciplina de um comunista e a mesma noção de disciplina burguesa? A disciplina no partido impõe unicamente nos deveres dos "soldados" para com "generais".

(Continua na 4. página)

Proletários ou Escravos

Em uma padaria da Praça da República, foi despedido um padellero. Os cinco companheiros que ficaram na casa, no dia seguinte, viram a surpresa de encontrar como substituto do despedido um padellero, que além de não ser sócio da União dos Trabalhadores ou Padarias, combatia energicamente a organização sindical. Não querendo continuar a trabalhar com tal indivíduo, resolveram uns com os companheiros promover um "levantamento". Este termo é usado pelos padeliers para denominar uma greve pacífica em um estabelecimento, apesar de em seu verdadeiro sentido significar um ato de grande violência. Assim abandonaram o trabalho depois de terem dito da casa se recusado a despedir o pessimo companheiro. No dia seguinte quando foram receber o sítario da semana, tiveram a surpresa de encontrar agentes da "cathólica".⁴ Delegacia Auxiliar, que os conduziram para o "santuário" onde passaram 4 dias, afim de perceberem que, no regimen actual, o trabalho não é livre. Os donos de padarias estão de parabens.

A 4.^a Delegacia decretou que os padeliers d'avançante passariam a categoria de escravos, oficialmente.

Concluímos nossos bravos companheiros a renovarem este gesto de solidariedade. Em toda a padaria organizada não deve ser permitida a entrada de um operário que não pertença ou se negue a pertencer ao syndicato da corporação.

Xadrez não mette medo a ninguém.

Pela organização sindical deve ser a palavra de ordem de todo o trabalhador consciente.

A ideologia "kuomintangista" e as Ligas anti-imperialistas

(Continuação da 1.^a pag.)

nário do P. C. Alemão, de deputado ao Reichstag e infatigável homem de negócios, na direção de numerosas empresas: Industrias, etc., alia o de presidente da Liga Contra o Imperialismo e pela Independência Nacional, na qualidade de Secretário Internacional, não faria essa declaração na "Rote Fahne" (órgão do P.C.A.), em Berlim. Si o fizesse ou tiver feito, não é que a degenerescência da linha marxista-leninista é hoje um facto consumado dentro dos centros mais responsáveis e representativos do comunismo internacional. A Liga Contra o Imperialismo vai assim contribuindo fortemente para espalhar por toda a zona central e semi-colonial a confusão e a descrença na função histórica do proletariado de suas vanguardas mobilizadas nos quadros dos partidos comunistas na luta contra o capitalismo.

O exemplo da China não bastou. Agora mesmo na Índia estamos vendo as consequências nefastas da política naciono-menchevista da I.C.: As massas sublevadas, já indo além do estreitismo pequeno-burguez de seus chefes actuais como Gandhi, sem porém encontrar para sua nova e decisiva marcha quem as guile até a vitória final.

Nestas condições, falar-se em vitória do proletariado hindu, com triunfo da revolução na Índia, é pura demagogia. Não há partido comunista ali. O que há é um kuomintang com outro nome, um vacilante "partido operário camponez", criação do Buhkharine e Stálin, quando Chang-Kai-Shek e os outros famosos generais que a I.C. foi sucessivamente escolhendo para seu aliado se encarregaram, pelo assassinato em massa do heróico proletariado chinês, de desmoralizar definitivamente a ideia kuomintangista. Se a tal Liga Anti-imperialista existe para dizer tais coisas, e convencer por esse modo as massas exploradas da necessidade da formação de um partido comunista, como condição principal indispensável, insubstituível para a luta vitoriosa contra o imperialismo, então é melhor que ela seja fechada como organização confusionista, menchevista e contrarrevolucionária. O logar de um revolucionário marxista não é nas tais ligas anti-imperialistas, mas nas fileiras do Partido comunista, pois só o partido comunista pode lutar contra o imperialismo, e vencê-lo por si. Toda outra forma de luta, em qualquer outra orientação pseudovolucionária, e pura tapeação, deve ser combatida.

A ultima agitação política e as novas posições do imperialismo

O empréstimo de 20 milhões de libras, ao mesmo tempo que iluminou a política de valorização do café, suprimiu os anseios "revolucionários" de parte da burguesia brasileira, scindida na luta pela presidência da República. Não foi a entrevista célebre de Irapuã-ninho, onde o sr. Borges de Medeiros, megatherio positivista e chefe burguez consciente, mostrou que só tinham a ganhar com a revolução os que não tinham nada", nem as reticências do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, pretendendo e ntre as atitudes do sr. Palme Filho e os 80 mil tiros que o mavericio Aranha despachou para a "pequenina e heroica Parahyba", pensando que da confusão sairiam o "duece". nem o recente telegrama do sr. Antônio Carlos, o qual deu forma ao "reco de Minas" passado ao mesmo Aranha, nem a duração desta da governança, nem o "braço forte do governo federal". Esses fornem os actos em que se exteriorizou a autonomia política desta vasta semi-colônia. Os cordeis que tangiam os manipulos da política burguez, eram seguros pela finança internacional que manejava, a seu salame, a crise política consequente à crise econômica em que se debate o Brasil.

Foram remedio as colicas revolucionárias da burguesia nacional os 20 milhões esterlinos conseguidos pelo Instituto do Café de São Paulo, dos banqueiros de Londres, Nova York e outras paragens mais pittorescas que a gente está acostumada a considerar centros de turismo, mas onde há sempre mais valia a capitalizar e burguez "ingenho" de olhos gulosos em busca de uma taxa de juros mais alta, sem se incomodar muito com as possíveis catastrofes na economia brasileira. E' peculiar a burguesia em todo o mundo semelhante ingenuidade. Quem se assustar com os planos de "revolução democrática" da burguesia grande ou pequena, dos países coloniais, nem mesmo, na última edição, novinha e em folha, festa em Moscou, para uso sul-americano, hirdu, egópolo, apolida em mirificos exemplos. Revoluções agrárias e anti-imperialistas, o capitalismo imperialista tem-nas visto e bolas... E' mesmo uma dasquelas contradições dialekticas que a burguesia tenta resolver com cruzes ou báa vontade nas eras pacíficas e, de quando em vez, suscitando algum general descontente com o desenvolvimento histórico.

Mas o que convém precisar no momento é a significação do empréstimo internacional, como elle repercutiu nas condições da produção cafeeira e na situação brasileira em geral, nas relações da burguesia nacional com a burguesia imperialista.

Embora os escribas do Instituto, oficiais e oficiais, jurem que não houve solução de continuidade na política católica, o financiamento da produção recentemente depõe de 1 de Julho, em "novas bases" (405 por saca), o fio dentro do mesmo plano já estabelecido, é preferível fiar-se na mesma informação ingleza ou yankee.

Fala-se ahi com a segurança de quem segura as chaves da burra do capital financeiro internacional. O boletim de Informação de Noritz & Cia. (Nova York) trazendo das negociações de então para o empréstimo declarava: "Telegrammas particulares, de fonte apparentemente desautorizada tornam claro que se pensa geralmente em São Paulo que os novos arranjos com os banqueiros si gnificariam apenas uma nova forma de continuar a polícia passada da ditadura, essas notícias causaram alguma inquietude no nosso comércio, pois elas pareceram idealizar a suposição de que tal meio de fugir ao claro sentido das cláusulas do empréstimo. Os meios commerciales conciliam em que os Banqueiros, informados de tais tendências, providenciariam no sentido de eliminar todas as esquematizadas dessas especies". E' claro que os Banqueiros não esperavam que os Banqueiros não esperavam que essas advertencias para distorcer um amavel contrato pelo qual o governo de S. Paulo "consente em não mais acumular café, directa ou indirectamente, excepto de acordo com os banqueiros e com ultériores garantias para o Empréstimo", sendo também estabelecido que "um minimo de dez milhões de sacas será vendido anualmente de modo que, no final de pra zo aproximado de 10 anos, todo

o "stock" de café terá sido lan-

tado no mercado."

Isto é a falencia de mais um

plano de valorização a custa do

mercado yankee, outra victoria

incrimosa e pacífica" dos Estados Unidos sobre as valorizações julgadas artificiais, é clara, quando

o produto não está sob o seu con-

tro. Depois da borraque, e do

cobre, chegou a vez do café.

E tempo pôs de rever a apocali-

ptica "teoria" do P.C.B., re-

velada como religião, dogma bi-

disputado e indiscutivel, cujo se-

gredo e explicação só possuem os

"eleitos" do comité central, e re-

pousa sobre estas equaldades fun-

damentais: S. Paulo (feudal) -

café, igual Imperialismo inglês -

Industrial - Movimento Liberal

Imperialismo yankee. A guerra civil ao tim da luta eleitoral.

Mas os theoricos do P.C.B.

só apercebem a realidade quando

ela se traduz pela physionymia do

individuo A ou X, ou literalmen-

te por documento escrito. E

Minas, viajando de Nova-York pa-

ra Londres e vice-versa, suppleian-

do um empréstimo recusado por

falta do endosso do Governo Fe-

deral, ou mostrar-lhes o contrato

do empréstimo paulista onde o ca-

pital yankee participa com a qua-

ta de 35 milhões de dólares. Até

parece mentira, dirão os "fiéis".

Talvez só para preventi o espan-

to dos dirigentes do P.C.B., se

gundo os jornais dos Estados Uni-

dos, foi allegada, durante os ar-

tados Unidos mandaram para aqu

autonomos, máquinas, pilares e ou-

tras mercadorias e mais 100 mil-

horas de dólares anualmente para

pagar o seu café. E' certo que os

melhoramentos de São Paulo se

devem em grande parte ao ouru

dos Estados Unidos."

A phase imperialista da acumula-

ção de capital mas também a expon-

tação capitalista dos países eu-

ropeus e semi-coloniais. Isto é,

nas regiões à custa das quais os

países capitalistas, a burguesia im-

perialista, realiza a acumulação da

mais valia. E' uma fase re-

volucionária porque no processo de

emancipação capitalista é forçoso

quebrar as formas de Estado pre-

capitalista para erigir a for-

ma de dominação de classe mais

conforme às exigências da produ-

cção capitalista. Até aí chega a

concessão revolucionária dos "lead-

ers" do "anti-imperialism".

o P. C. B. Mas, incapazes

de pensar dialeticamente e agr-

consequentemente, essas correntes

substituem as novas contradições

que ameaçam no proprio desen-

volvimento da revolução nacional,

a dominação do capital, entra-

vando nos seus objetivos immedia-

tos. Estas contradições se con-

cretizam pela ação revolucionária

A eleição de 21 de Junho

Realizou-se o pleito, sob uma atmosfera calma, que bem revelou o completo desinteresse de toda a população, inclusive o proletariado, que demonstrou mais uma vez a sua "radicalização" pela abstêncio-

nação, e que obteve pelo voto de

Lacerda.

Os trens da Central vinjavam re-

pletos. Burgueses e proletários

comentavam os jogos de foot-

ball do dia. Tudo indicava o que

aconteceu — a abstêncio-

na geral.

O Democrata, com a propagan-

da que fez, correios, imprensa,

cartazes, boletins, avião, etc., e o

candidato Sales Filho, com a im-

prensa "Liberal" foram derrotados

pelo candidato do círculo de San-

ta Cruz que possuia um eleitorado

disciplinado e inteiramente in-

consciente. O Partido Comuni-

sta, sem imprensa, sem li-

berdade de liberdade de

expresão, teve uma votação

abaixo do numero de seus mem-

bros eletores. Isto prova des-

organização do Partido, do que

resulta sua incapacidade para di-

rigir a luta proletaria, pois nem

mesmo seus membros sujeitos à

disciplina de ferib comunista,

compareceram às urnas em cum-

primento à palavrão de ordem lan-

cada.

Os membros do G.C.L. que re-

beram missões referentes

ao pleito cumpriram, nas totalmen-

te, o seu dever.

Demonstrada ficou a nenhum

influencia do Partido na camada

dos pequenos lavradores.

Dos 2.500 eletores que compa-

receram as urnas, da zona rural,

75 % é composta de lavradores,

o candidato comunista obteve

seguinte votação: 8 votos.

O comparecimento geral foi de

15 % dos eletores alistados no

2.º distrito (9.700 sobre 65.000),

sendo 50 % dos alistados na zona

rural, conhecida por Triângulo

Campão Grande, Santa Cruz e

Guaratiba (2.500 sobre 5.000)

e 12 % nas demais paróquias ele-

tores (7.200 sobre 60.000).

O resultado foi o seguinte:

Votos

Candidato conservador —

5.921

Candidato "liberal" — Sales

2.665

Candidato democrático —

2.322

Matos Pimenta —

1.232

Candidato comunista —

Paulo Lacerda 162

A inconsciencia do eleitorado da

zona rural, dominada completa-

mente pelo círculo Cezario de Mel-

lio, revela-se por este facto car-

acterístico. Encontrou um nosso

companheiro um grupo de 4 ele-

tores do lugar, que conversavam

sobre o candidato Almeida Reis.

Todos eram de parecer que o can-

didato deveria ser um operário. O

nossa camarada falou sobre o can-

didato do P.C. mostrando immedia-

tamente um dos componentes do gru-

po, apoiado pelos demais: "Sim,

votaremos por um operário com

grande satisfação, quando ele for

apresentado pelo Dr. Cezario".

Este facto indica que em Santa

Cruz já ha quem deseja votar em

um seu companheiro de classe, mas

que o fanatismo pelo chefe polí-

tico aliado à falta de propaganda

no local, impede o desenvolvimen-

to da consciencia da classe, do par-

te explorado da população do pa-

rtido carioca.

Emfim, o pleito decorreu calmo,

mas o P.C. foi impedido de prepa-

rar o seu reacção policial pre-

parando os pregadores de cartazes e

os oradores dos poucos "meeting"

existentes. Iô, pela insuficiencia de

militantes preparados e organi-

sados para semelhante trabalho.

O Partido Democrata foi o uni-

co que teve um aumento de per-

centagem na votação. Mas isto se

explica pelo facto de o terem

apoiado alguns políticos profissio-

nais que o mesmo Partido fin-

ge combater, como Azevedo Lima

No Rio Grande do Sul U. T. G.

Quanto vale um Crime de injuria jornaleco

Com o título inexpressivo de "O Povo" (a não ser para exprimir, e evidentemente neste caso, o estatuto de confusionalismo ideológico dos seus dirigentes), surgiu em Porto Alegre, a 1.º de Maio, um pretenso jornal de operários. Como iremos demonstrar, jornal de mystificação, de burrice e de safadeza é o que elle é.

A intenção mystificadora se penteia logo na primeira página, e em letras garrafais, com a apresentação de um manifesto cético, de fundação do Partido Operário Nacional. Depois de descrever, em termos tão chorosos quanto hypocritas, a miséria e a opressão em que vivem os trabalhadores, entre o manifesto a pregar, como solução do problema, a "paz verdadeira", o "mutuo respeito de direitos", o "reconhecimento dos deveres de cada um", a "República Democrática"...

Tudo isso em nome da "Civilização" e do "Progresso Social" (em letras grandes), da "ordem", da "harmonia", etc., para cuja finalidade a única arma é bondade", "a lama gema da justiça"!!!

Órgão de ignobil colaboração das classes, cynicamente pregada através um sentimentalismo piegas com que pretende arrastar os operários menos avisados, "O Povo" chega no auge do ridículo, tornando-se eminentemente cômico, quando, entre mil e uma outras imbecilidades lança esta palavra de ordem para 1.º de Maio: "Salve o grito de rebeldia dentro de ordem e da moral!"

Publica uma espantosa composição literária de Carlos Cevaco "poeta, romancista e orador vibrante" — "Coração do Operário"; algumas patadas sem rumo — "Novos Rumos" — de Mauricio de Lacerda; uma inominável estupidez a respeito de Gorki; uma série enorme de outras bestezas sortidas — para encalhar na ultima página uma monstruosidade imaginária, uma burrice genial: "Balladas dos Opprimidos", atribuídas... a quem? A Leningrado!

Felizmente, bastam o título da imbecilidade e as suas primeiras linhas para diagnosticar que se trata da paranoíia de algum pobre-diabo, contagiado, ainda mais, pela safa dos irelandeses dirigentes do jornaleco. Para goso dos leitores da "A Luta de Classe" aqui vai o primeiro trecho:

"Vive longe, isolado do povo que dirige, nadine conhecendo as horas claras de alegria, nem os dias escuros de aborrecimento. Entendido nas luxosidades palacianas, afogado em todo o conforto e afogado por todas as grandezas, com um mundo desumbrante de riquezas aos seus olhos, com o antigo czarismo, omnipotente, não lhe chegaram os ouvidos poderosos afetos nos sons melódicos das malas bizarras orquestrações..."

E por aí afóra.

Como combater a reacção

A invadida com a histeria "revolucionária" do grupo de "iluminados" que dirige o P. C., a polícia vem efectuando prisões a torto e a direito, não só encarcerando, mas espancando e maltratando, por todos os meios os militantes operários. Martirio inutil a que pela direcção do Partido sacrificou os seus companheiros, porque na realidade nada existe, mesmo do ponto de vista burguesa que o justifique. Sem organização sindical e sem vanguarda capaz, sem vontade de luta das massas, nem sendo vítimas os nossos militantes do effetto causado no espírito burguesa pela ameaça de uma "revolução" que só existe nos trechos gritantes dos cartazes e na imaginação dementia de meia duzia de fanáticos cegados pela cocalina dos "complotos".

A Revolução Proletaria virá inevitavelmente e a reacção capitalista se fará sentir cada vez mais forte até o dia do seu advento, mas isso obedece ao desenvolvimento de um processo histórico e se dará de acordo com o curso dos acontecimentos. Essa reacção será a consequência dialética de uma ação revolucionária, e dos seus efeitos, que só se apagará, com a vitória da classe operária, não bávara por onde fugir.

Mas o que se observa na hora actual é que a onda de violências praticadas contra os trabalhadores não está decorrendo de uma ação revolucionária justa, de um se fa-

ce columbadoras do "O Povo" publicaram, no n.º 1, desse pasquim, encenador e mystificador, um amontoado de imbecilidades a querer entenderiam chamar, muito pitorescamente, "Balladas dos Opprimidos".

Não havendo nesse facto nenhum mal se, dada a incultura dos nossos trabalhadores, de que procuraram aproveitar-se, não tivessem aquelas senhoras a audiácia de atribuir a Leningrado o que nem em estado de completa embriaguez se era capaz de escrever o genial pensador revolucionário.

Mas, em que nos baseamos para denunciar ao proletariado esse espantoso crime de falsificação e afeiçamento, de um modo tão categorico, que as tais "Balladas" nunca saíram da pena de Leningrado, mas sim foram fabricadas pela imaginação demente de um eretismo?

Em primeiro lugar, pelo título: pelo estylo, pelas idéias expostas, e acima de tudo, pela estupidez dessas idéias, logo se vê que mesmo um homem de mediana inteligência teria bastante amor próprio para não subvercer tão elevada somma de asneiras.

Em segundo lugar, existe toda uma série de provas em contrário, de razões palpáveis:

1.º — Leningrado nunca publicou "Memorias" de qualquer especie, não só por achá-la que isso era futilidade, como também porque o tempo que possuía ainda era pouco para se consagrar ao estudo de graves problemas políticos. Basta a citação desse facto para desmascarar os enxovalhados de sua memória. Mas ainda vamos adiante.

2.º — Homem de ação revolucionária por excelencia, Leningrado nunca perdeu um minuto em descrever lacrimosamente a miséria dos trabalhadores. Pelo contrario, tocou a sua obra, sendo um protesto energico e varonil contra essa miséria que decorre directamente do modo de produção capitalista, e a negação total do sentimentalismo impotente e reacionário dos que, por essa forma, procuram accommodar-se numa inicia revoluntaria e ignobil. Leningrado foi sempre isto sim — o appello constante à luta mais implacável contra o reglamento de miséria e de opressão em que vivem as massas trabalhadoras nos países capitalistas.

3.º — Leningrado preferia mil vezes recorrer ao suicídio a se utilizar da miséria do proletariado para escrever literatice.

4.º — Todas as suas obras estão escriptas na linguagem mais simples possível, em completa opinião ao pedantismo vocabular dos literatos do "O Povo". E, entre outras innumerosissimas razões — para terminar:

Leningrado não era burro!

Uncilando uma nova phase de trabalho a Junta Goverativa tem reunido vários elementos que se destacaram na primeira phase do organismo do syndicato da coperação gráfica com os quais estavam um plano de trabalho tendente a reerguer essa associação de classe que tanto se destacou no meio operário desta capital pela ação que sempre desenvolveu de maneira a interessar nos seus actos os demais corporações.

Nessas reuniões fez-se uma exposito minuciosa do trabalho realizado pelo junta governativa, a qual apeçar de pouco numerosa, mantivera até aqui um trabalho de agitação que muito contribuiu para abrir caminho à nova phase que será de recrutamento dos operários gráficos que ainda se encontram afastados do syndicato.

Alem disso a amnistia concedida aos companheiros que estavam com as suas malandagens em abraço ha mais de tres meses e o interesse que a junta governativa tem demonstrado em relacionar áquelas que têm "casos" de lei de ferias dependentes do Conselho Nacional do Trabalho, vem conquistando sempre maior numero de adhérentes, o que ficou patentead com o accrescimo de receita que se notou no balanço do mes de junho.

Mesmo assim, a junta resolveu fazer distribuir listas de contribuições voluntarias para custear o material de agitação e propaganda que vai ser iniciado e que visa preparar para 14 de fevereiro proximo, data em que cessam todas as restrições impostas pelo governo à U. T. G., o syndicato em condições identicas ou com maior prejuízo do que encontrava na época em que foi vítima da propriedade policial.

Em relação à accentuada falta de trabalho que se nota no meio poligrafico e que é o reflexo da paralisação voluntaria para cuestar o material de agitação e propaganda que vai ser iniciado e que visa preparar para 14 de fevereiro proximo, data em que cessam todas as restrições impostas pelo governo à U. T. G., o syndicato em condições identicas ou com maior prejuízo do que encontrava na época em que foi vítima da propriedade policial.

Acaba de ser organizado na Argentina um grupo de oposição comunista, que é o unico a manter realmente os principios sustentados por Leningrado e por Trotsky que é ainda um grupo muito reduzido, não só por ser recente a sua formação, como também porque, tem que lutar num movimento comunista ignorante e corrompido como os movimentos comunistas da America do Sul.

Ha na Argentina tres partidos — o Partido Comunista secção I. C., o Partido da Republica Argentina, surgido em 1927 que tem a sua frente o camarada Peñuelas e o partido comunista operario, hoje em completa decomposição.

Só os dois primeiros devem ser levados em conta.

Estes dois partidos disputam em graus diferentes as bolas graças de Moscou.

02.º Congresso do Partido Trabalhista

Tão memorável occurrence tem passado em completo desaparecimento das mesas operarias, e nem sequer ter-se-ia noticia della, se não fosse aliado que em torno fazem os jornaes da burguesia.

Esta indeferença dos operarios,

responde pela sua consciencia da obra de mystificação a que se destina o tal Partido Trabalhista que,

sem, acolhida nos meios operarios,

não hesita em se valor de supostas representações de operarios.

Os comunistas não podem, porém, dormir sobre esta indiferença dos operarios para o partido que emprenhe a tarefa de desvilar o movimento operario da sua linha revolucionaria para a mais imortal colaboração de classes.

A burguesia é pertinaz e manejala os cordéis do Partido Trabalhista e na medida em que nós comunistas nos desejardemos de sustentar as reivindicações imediatas dos trabalhadores, daremos mais probabilidades ao Partido Trabalhista de realizar a sua missão tutadora, para o qual os operarios

se mostram felizmente indiferentes até agora. E' preciso noutras deixar o campo livre.

Intentando as reivindicações imediatas dos trabalhadores e sbindo relational-as à necessidade da Revolução, como unico meio de emancipação dos trabalhadores,

os comunistas obrigarímos o

Partido Trabalhista a baixar a

pancarta ou desaparecer da area

na fonte de informações da situação internacional e da Hespanha em particular.

CARTA DO ESPIRITO SANTO

Camarada redactor:

Recehemos o n.º 1 e 2 da "Luta de Classe" e uma circular. A situação económica dos trabalhadores e pequenos funcionários destes Estado não é diferente da dos operários e funcionários do resto do país. A dos pequenos lavradores de café também não é melhor.

Victoria, cidade quasi sem industria, assentava a sua vida económica, justamente sobre a pequena lavoura do café.

A queda dos preços e a dificuldade de sua colicacion no mercado, acarretaram uma situação de verdadeira miseria para os operários e os pequenos lavradores.

A pouca industria existente está mesmo esta quasi paralisada, os seus operarios sem trabalho e sem poder recorrer ao trabalho agrícola porque no campo a venda do café nem dá para a subsistência. Ha trabalhadores que há mais de um anno perambulam pela cidade à procura de colicacion.

Os pequenos funcionários viem neste momento inseguir os seus ordenados e dos seus lugares. O governo do Estado tenta dia dia anos um empréstimo exterior que tem sido recusado. Assim é que ha funcionarios que ha bastante tempo não recebem seus vencimentos, preoccupando-se o governo quasi exclusivamente o pagamento em dia da polícia estadual e cortigando-se da redução dos quadros do funcionalismo.

Quanto à actividade politica do Partido Comunista, nesta região nem só de nulla, deixando os amarellos e o patronato campo livre para sua exploração.

A secção dos trabalhadores em

estiva está sob a orientação de alinhamentos como Alcibiades Garrido incansavel na organização de manifestações de solidariedade ao governo do Dr. Ariston Aguilar.

Alcibiades Garrido, cuja bujalaria nos poxeres deve causar naufragos aos seus próprios aproveitadores tal a contextura moral desse tipo, se prevalece da inexistencia de outras organizações operarias e da inactividade comunista da regiao para se arrogar a representação de todos os trabalhadores do Estado. Burro como é, seus discursos são escritos por lacaios do governo e publicados por lacaios do governo do Estado o que é bastante para dar uma ideia ahi aos companheiros de quem seja Alcibiades Garrido.

O serviço de estiva é distribuido pela propria secção. Isto é, pelo proprio Garrido que se aproveita disto para alem do seu ordenado de funcionario da associação, receber o produto das suas negociações no distribuidor do serviço, explorando assim os próprios companheiros.

A toda esta actividade junta elle como recompensa dos seus discursos laudatórios, soldo da agente de polícia função que exerce abertamente.

Os trabalhadores não podem permitir que um agente de polícia ou um explorador de seus próprios companheiros continue a frente de uma organização de classe e se arogue o titulo de seu representante. Precisam quanto antes organizar a reacção contra este agente policial, expulsando-o do sindicato que explora e a cuja expensiva vive. — Um comunista.

NA ARGENTINA

Em Hespanha

Opposição comunista

Em todas as localidades e regiões de Hespanha, a base do partido aprovou a reintegrção dos camaradas da oposição excluidos pelos burocratas stalinistas. Desde que tomaram conhecimento das decisões da base, estes últimos começaram a manobrar e a dar ordens de excluir todos os reintegrados assim como a outros opositores que ainda não haviam sido excluídos. Começam por acusar os camaradas da oposição de quererem desagregar o partido. Reprimiram a reintegración de Lacroix, acusando-o de ter ido a Hespanha para organizar o partido trotskista e deram ordem a todos camaradas de "romper todas as relações com Lacroix".

Na realidade a C. C. do Partido prepara a liquidação do Partido, excluindo os melhores camaradas e todos os que se opõem a uma política nefasta.

Ainda que os burocratas se oponham e procurem contrariar a vontade dos organismos de base, a oposição comunista em Hespanha prosseguirá sua ação no partido tanto tempo quanto o apoio dos organismos de base permitir e futura pela reorganização do partido.

Contra a corrente

Ha mais de dois meses, seguindo as exigencias da lei, a oposição comunista em Hespanha pediu a autorização necessaria para publicar "Contra a corrente", boletim bi-mensual de informação da oposição comunista hespanhola.

Official e legalmente o governo civil da província, na qual se publicaria o jornal que deveria dar a autorização.

No caso presente, visto o perigo de dever ser publicado em Valencia, pertencia ao governador do vil dessa província de dar ou não a autorização.

O governo prometeu mandar entregar a autorização. Passou-se o 1.º de Junho e não foi concedida autorização legal. Durante este tempo, os syndicalistas, os anarquistas, os socialistas e os Stalinistas publicavam regularmente os respectivos periódicos.

Podemos, porém, la agora notar o aparecimento de "Contra a corrente" o que sera uma boa nova para os communistas hespanhos aqui residentes e servirá como fonte de informações da situação internacional e da Hespanha em particular.

Um candidato a Cavaignac

SOBRE O MANIFESTO REACIONARIO RIO DE JUAREZ TAVORA

O novo chefe da revolução, em substituição ao ex-cavaleiro da esperança, logo após a saída do número passado de nosso jornal, publicou o seu manifesto cujo objetivo imediato é demonstrar sua discordância do último manifesto do seu querido amigo, camarada e ex-chefe.

Com uma concepção puramente insurrecional da revolução, descreve da "revolução descendente" da massa proletária, formada das cidades, dos colonos das fazendas, dos peões das estâncias, dos habitantes esparsos do nosso território.

Para elle a revolução terá, portanto, de continuar a apoiar-se nos mesmos meios em que tem sido albergada até aqui. Isto é, a revolução não será mais do que "um simples pronunciamento militar cuja consequência seria a implantação de uma ditadura militar". Esta finalidade não é expressamente confessada para que possam ser atraídos às "suas fileiras o socialista, o revolucionário moderado, o liberal, o conservador, o evitil e o militar, o burguez e o proletario", visivelmente deduz-se de todo o conteúdo do manifesto.

Só uma revolução comunista completa, poderia extinguir a classe dos trabalhadores assalariados, quer do campo, quer da cidade. O próprio desenvolvimento capitalista sommando a concentração da grande massa de operários, fazendo desaparecer a pequena indústria e o artesão é que cria as condições para a abolição da exploração da força de trabalho e da extinção da propriedade privada. Enquanto o delírio da demagogia se não submettesse à influência moderadora do elemento militar. E quem, entre nós, seria capaz de prever as últimas consequências da subversão social criada pelo predomínio incontrável do populacionismo? Será essa a revolução que admitemos os nossos políticos? Poupo Deus, porém, ao Brasil a dureza desse ensinamento com que talvez a fatalidade do futuro tenha de punir os erros e irresponsabilidades dos nossos dirigentes!

A característica da concepção meramente insurrecional e militar da revolução preconizada por elle se deduz ainda muito nitidamente da noção do imperialismo.

Embora seja esta a questão fundamental do manifesto de Luiz Carlos Prestes, Juarez Tavora, passa superficialmente sobre ela, não se detendo em argumentos e se limitando a contestá-la pela simples negação do imperialismo, aduzer: "curvemo-nos, antes das meias-zinas e incapacidades do nosso caciquismo indígena, para vermos, em seguida, a que proporções se terá reduzido essa apparatusa opressão externa..."

Para o novo chefe da revolução, ou dizendo melhor dos pronunciamentos militares, o imperialismo não se manifesta economicamente e a sua propria expressão política se reduz ao aspecto militar, a intervenção armada. Para Tavora, a noção de imperialismo se limita à ocupação militar, desembarque de tropas nos portos, bloqueio de esquadras. Sem as suas manifestações violentas o imperialismo não passa um "espantalho".

A importação de capitais, as concessões como a de Ford, não são manifestações de imperialismo.

Victorioso o pronunciamento, propõe-se o capitão a uma "reforma criteriosa da Justiça" sem nos dizer qual este critério. É preciso ressaltar desde logo, porém, que seja qual for o critério a adoptar, não poderá satisfazer as aspirações dos operários, uma vez que não attendesse à destruição do reino capitalista, porque a igualdade de direitos em regime em que perdure a propriedade privada não passa de uma simples fiação, uma vez que todos os elementos materiais, científicos, jurídicos, etc., confluem o monopólio da classe exploradora, e que os trabalhadores assalariados se encontram na maior dependência desta.

Talvez para sanar esta situação na qual todo princípio de igualdade não passa de uma fiação é que o manifesto propõe "o estabelecimento da independência económica das massas pela difusão da pequena propriedade".

Pretendendo estabelecer a independência económica das massas pela pequena propriedade, é evidente que

o manifesto se propõe o objectivo de extinguir o regime do sacerdócio, mantendo a estrutura social vigente. Este objectivo é inatingível importaria no desaparecimento de todas as fábricas, fábricas industrializadas, estradas de ferro, companhias de navegação, etc., porque sua divisão entre os seus operários importaria na sua destruição, na negação de todo progresso industrial e técnico. Seria o abandono da locomotiva pelo carro de bois, do navio pelo canhão, das máquinas pelos simples instrumentos de produção, de toda produção em que exista o trabalho colectivo, pela que repousa no trabalho individual. Seria retrogradar, si possível fosse, seria o que há de mais reacionário, o fazer-se de todos os homens proprietários privados. "Este sonho", escreve Marx, "é tão realisável e tão comunista como o de fazer todos os homens imperadores, reis e papas".

Só uma revolução comunista completa, poderia extinguir a classe dos trabalhadores assalariados, quer do campo, quer da cidade. O próprio desenvolvimento capitalista sommando a concentração da grande massa de operários, fazendo desaparecer a pequena indústria e o artesão é que cria as condições para a abolição da exploração da força de trabalho e da extinção da propriedade privada.

"Enquanto uma revolução socialista completa não se tiver realizado", escreve Lenin, "nenhuma transformação agraria, por mais judicativa, por mais revolucionária que seja, suprimirá a classe dos trabalhadores assalariados da agricultura. O sonho de transformar todos os homens em pequenos burgueses se reduz a um triste reacionário". (Artigo de Lenin Viprord n.º 15 de 1905).

Si Juarez Tavora e o grupo que o acompanha não pretendem bem eloquentemente do carácter de classe da democracia prometida, mas real suprimindo todos os obstáculos que a casta burocrática oppõe ao desenvolvimento capitalista e mais ampla, na restrição de todos os meios de luta para a classe operária.

Todo o manifesto, sua indiferença pelas soluções nos quadros legais, a aspiração a uma democracia menos ampla, a sua compreensão insurrecional da revolução, a sua ausência do recelo que "sobrevenha o caos pelo entrelaçamento de tantas tendências contraditorias" tornam agora o novo chefe da revolução não um outro cavaleiro da esperança da burguesia, mas um Cavaignac em disponibilidade. Sua falta de respeito ao caos revolucionário, sua confiança na espada niveladora de aspirações, não inspirou temor à burguesia, que assistiu regredida à publicação do seu manifesto reacionário (?)

Em certas circunstâncias, o pequeno proprietário não consegue ganhar para suas necessidades mais elementares, vivendo preso à propriedade que não pode abandonar a qualquer momento.

Coexistindo a grande e pequena propriedade não consegue ganhar para suas necessidades mais elementares, vivendo preso à propriedade que não pode abandonar a qualquer momento.

A venda do produto do pequeno proprietário subordina-se ao seu valor no mercado e não ao trabalho individual, nesse incorporado. O valor dos produtos lançados no mercado depende da produção global de pequenos grandes proprietários, principalmente destes pela maior massa de sua produção. Ora, sendo o valor do produto determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção e não pelo trabalho individual ou de determinadas empresas e sendo o trabalho socialmente necessário determinado pelo técnico médio da sociedade, o pequeno proprietário, dada a sua inferioridade em relação ao nível técnico médio da sociedade, carecendo de um tempo maior para à sua produção, é forçado a vender o seu produto na base de um valor que não corresponde ao seu trabalho individual, realmente incorporado ao produto, mas ao trabalho social médio. Assim é que o pequeno proprietário, do mesmo modo que o operário, não recebe o produto integral do seu trabalho.

Acresce-se a isto que na conquista da mercadoria, luta ainda o pequeno proprietário com maiores dificuldades: o custo maior das matérias primas, o desconhecimento do mercado, a impossibilidade de esperar melhores preços guardando sua mercadoria, etc.

A independência económica do pequeno proprietário é, pois, uma aparente e não é alta que se pode dizer em muitas ocasiões que os operários passam uma vida melhor do que os pequenos proprietários.

A difusão da pequena propriedade não seria a extinção do capitalismo no Brasil, mas ao contrário, alargaria-lhe as bases de seu desenvolvimento pela ampliação do mercado interior, pelo aprimoramento das relações de troca, pelo crescimento rápido da indústria e das cidades.

A presunção do "equilíbrio social pela proporcional representação de classe" é pura demagogia. Não só não nos diz o manifesto da razão da proporcionalidade a estabelecer, como a finalidade da representação de classes — o equilíbrio social, diz-nos bem do que seria uma tal representação de classe. Dispõe de todo o tempo, de todos os recursos em suma, à representação de classe em regime burguês, signifiantemente a faculdade que tem a burguesia de escolher entre os operários aqueles que devem trair os interesses vitais da classe operária, que se resumem justamente na ruptura do equilíbrio social, e mafor de sua classe. A representação de classe não seria mais do que um novo processo de mystificação do operariado.

Para concluir, a democracia menor ampla e mais real fala bem eloquentemente do carácter de classe da democracia prometida, mas real suprimindo todos os obstáculos que a casta burocrática oppõe ao desenvolvimento capitalista e mais ampla, na restrição de todos os meios de luta para a classe operária.

Todo o manifesto, sua indiferença pelas soluções nos quadros legais, a aspiração a uma democracia menos ampla, a sua compreensão insurrecional da revolução, a sua ausência do recelo que "sobrevenha o caos pelo entrelaçamento de tantas tendências contraditorias" tornam agora o novo chefe da revolução não um outro cavaleiro da esperança da burguesia, mas um Cavaignac em disponibilidade. Sua falta de respeito ao caos revolucionário, sua confiança na espada niveladora de aspirações, não inspirou temor à burguesia, que assistiu regredida à publicação do seu manifesto reacionário (?)

"Cavaignac" nasceu de estas circunstâncias históricas objectivas. A pequena burguesia cessou, em consequência de suas hesitações, de ser um factor ativo, e o general Cavaignac, cadete francês aproveitando-se do terror inspirado pelo proletariado às classes médias, empregando desarmar os operários parisienses e fuzilar os em massa. (Lenin, Pravda n.º 83, 1917).

Juarez Tavora apresenta-se à burguesia como um pretendente ao lugar de Cavaignac.

"A luta com as suas asperezas e sofrimentos será um formidável nívelador de aspirações", diz o manifesto.

A crise revolucionária não é, e não tem sido em toda história uma níveladora de aspirações; no contrário, aquela todas as contradições existentes.

As aspirações a que se refere o manifesto são naturalmente as aspirações da burguesia numa situação objectiva como a por Lenin acima citada.

Quando o terror do operariado invade a burguesia e a pequena burguesia inactiva vacila, surgem novas circunstâncias históricas para o aparecimento dos Cavaignacs, que representam uma classe a burguesia contra-revolucionária. Ah! sim, todas as aspirações burguesas se nivelam ante o fantasma da revolução proletária.

E' para esta situação que Juarez

O movimento revolucionário na Índia-China

A Comissão Executiva da Liga Comunista (Oposição), de Paris, acaba de dirigir a todas as organizações da oposição internacional de esquerda um apelo à luta, já iniciada por nossos camaradas da França, contra a repressão sangrenta do imperialismo francês ao movimento revolucionário pela libertação da Índia-China.

Em seguida aos movimentos de Yen-Bay, de Vinha, etc., 38 revolucionários indo-chineses foram condenados à morte, já tendo sido executados quatro dentre elas. A comissão criminal de Phu The condenou dez outros a morte, um a prisão perpetua, vinte e seis a trabalhos forçados, trinta e oito à deportação, vários outros à detenção e trabalhos forçados temporários.

Os trabalhadores de todos os países devem protestar contra estes crimes. Em Paris, diante dos Campos Elyseos, a Liga Comunista (oposição) realizou uma grande manifestação.

A esse respeito, é opportuno lembrar o que nos ensina uma das resoluções do V Congresso Comunista Mundial:

"Se a burguesia mundial não foi vencida no fim da guerra imperialista, foi sobretudo porque não possuímos, nos países decisivos, grandes partidos comunistas, capazes de organizar a Revolução e conduzir ao combate as massas spontaneamente rebeldes, das contra os fatores da guerra. O capitalismo deve a essa circunstância um certo reposo.

"Num momento em que o capitalismo não pode mais reinar sem a social-democracia, em que o mal que o mína, embora chronicamente, ao proletariado, é que L'HUMANITÉ se decide a defendê-lo. Mas, mesmo os defendentes, a direção oportunista do Partido os traiu, representando-os como adherentes à política oficial, à política staliniana nas colônias, o que é absolutamente falso.

Nossos camaradas indo-chineses condenam toda a política staliniana da I. C. no mundo inteiro, e particularmente na Ásia — na China, na Índia-China e na Índia. A oposição comunista não deve apenas solidarizar com elles, mas lutar com elles até o fim.

Hoje, só a oposição comunista pode determinar uma política justa nos imensos territórios submetidos ao imperialismo. Enquanto a política oficial reivindica a "independência" à moda de Chang-Kai-Chek, a oposição comunistas chama o proletariado a constituir na Índia-China o seu Partido, a oposição comunista, a partir de cartazes e manifestos, dirige ao proletariado e que L'HUMANITÉ se decide a defendê-los. Mas, mesmo os defendentes, a direção oportunista do Partido os traiu, representando-os como adherentes à política oficial, à política staliniana nas colônias, o que é absolutamente falso.

Hoje, só a oposição comunista, a que sabemos claramente, é uma questão profunda e politica. Nenhum Partido comunista poderá conduzir ao combate massas proletárias decididas nem vencer a burguesia, enquanto não tiver uma base sólida na usina e enquanto cada grande empresa não se tiver tornado uma cittadella do Partido Comunista.

Eis o que nos parece claro, a todos nós que sabemos ver as coisas sem myopia e sem óculos de augumento, a todos os que, baseados na doutrina científica de Marx e nas lições da experiência que Lenin nos legou, somos contrários a qualquer especie de masturbadora revolucionária e o que queremos é a Revolução Proletária, revolução de verdade, que ha de resultar inevitavelmente vitoriosa do entrelaço violento das múltiplas forças históricas, sob a vigilância inteligente e sob o controle capaz de um forte Partido Comunista.

O factor subjetivo

De um modo geral e resumindo a questão, pode-se dizer que as condições essenciais da vitória da revolução do proletariado estão nestes dois factores: uma crise económica e política provocando a desagregação no seio da classe capitalista e coincidindo com o estudo de radicalização das massas operárias e compezas a sua vontade de luta, seu apelo à vanguarda etc.; e a existência de um forte Partido Comunista, útil na ação, justo na tática e capaz de dirigir pelo devotamento e grau de consciência revolucionária dos seus militantes, os trabalhos de preparação e direção da insurreição armada.

No Brasil, os nossos dirigentes, além de decretarem, sem exame sério da situação do país, uma "radicalização" que não existe, parecem esquecer-se da importância do papel que o factor subjetivo desempenha no curso dos acontecimentos.

A esse respeito, é opportuno lembrar o que nos ensina uma das resoluções do V Congresso Comunista Mundial:

"Se a burguesia mundial não foi vencida no fim da guerra imperialista, foi sobretudo porque não possuímos, nos países decisivos, grandes partidos comunistas, capazes de organizar a Revolução e conduzir ao combate as massas spontaneamente rebeldes, das contra os fatores da guerra. O capitalismo deve a essa circunstância um certo reposo.

"Num momento em que o capitalismo não pode mais reinar sem a social-democracia, em que o mal que o mína, embora chronicamente, ao proletariado, é que L'HUMANITÉ se decide a defendê-los. Mas, mesmo os defendentes, a direção oportunista do Partido os traiu, representando-os como adherentes à política oficial, à política staliniana nas colônias, o que é absolutamente falso.

Nosso Partido Comunista poderá conduzir ao combate massas proletárias decididas nem vencer a burguesia, enquanto não tiver uma base sólida na usina e enquanto cada grande empresa não se tiver tornado uma cittadella do Partido Comunista.

Eis o que nos parece claro, a todos nós que sabemos ver as coisas sem myopia e sem óculos de augumento, a todos os que, baseados na doutrina científica de Marx e nas lições da experiência que Lenin nos legou, somos contrários a qualquer especie de masturbadora revolucionária e o que queremos é a Revolução Proletária, revolução de verdade, que ha de resultar inevitavelmente vitoriosa do entrelaço violento das múltiplas forças históricas, sob a vigilância inteligente e sob o controle capaz de um forte Partido Comunista.

Disciplina

Varias vezes definimos nosso ponto de vista sobre a importância da disciplina nas fileiras do partido operário. Unidade de ação, liberdade de discussão e de crítica, tal foi a nossa definição. Só uma tal disciplina é digna do partido democrático da classe avançada. A força da classe operaária reside na organização. Sem organização de massas o proletariado nada é; si ele é organizado ele é tudo. A organização é unidade de ação, unidade de ação prática. Todos estes actos, todos estes actos só não, porém, predestinados a festejar atraídas, na medida em que soldam ideologicamente o proletariado em um lugar de abastecimento e enriquecimento. Una organização sem ideal é um contrassenso que, na prática transforma os operários em miseráveis auxiliares da burguesia dominante. E porque o proletariado sem liberdade de discussão e de crítica não reconhece nenhuma unidade de ação. E porque os operários que têm consciência de sua classe humana devem esquecer que ha violações de princípios que são tão sérias, que tornam uma obrigação romper com todas as relações de organização. — Lenin — "A luta com os socialistas democratas de espírito cadente, e a disciplina do partido.